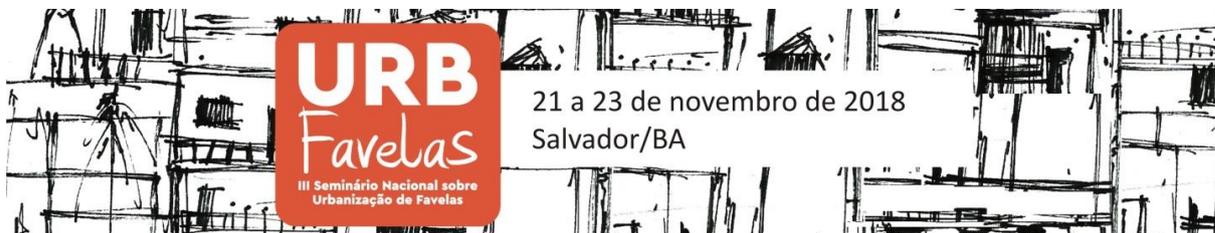




III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

A PRODUÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DO LAZER: ESTRATÉGIAS DE UM ESTUDO PRELIMINAR
PARA PARQUE LINEAR COMUNIDADE PANTANAL (SE

Alyne Marques Prata Alcântara de Azevedo - alyne_arqmarques@hotmail.com
Arquiteta e Urbanista

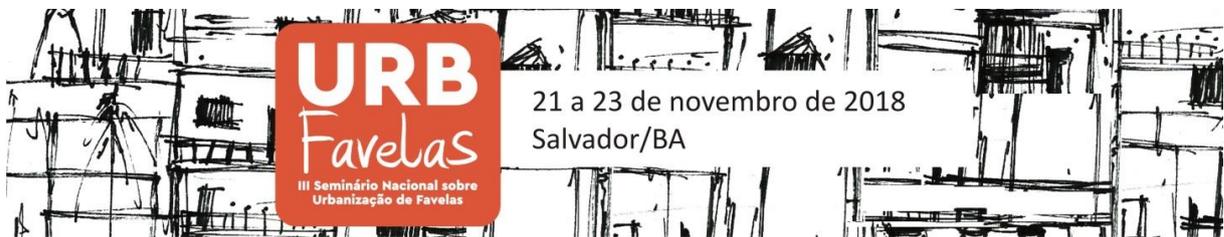


A PRODUÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DO ESPAÇO DE LAZER: ESTRATÉGIAS DE UM ESTUDO PRELIMINAR PARA PARQUE LINEAR COMUNIDADE PANTANAL (SE)

RESUMO: Nas favelas a utilização dos espaços remanescentes do adensamento residencial, como espaços de lazer, fortalece a existência do desejo de uma comunidade por espaços públicos destinados as práticas da vida cotidiana. Desta forma, visando o entendimento da urbanização de favelas e a inserção do lazer, sendo este um dos principais meios de produção e execução cultural. O presente artigo propõe apresentar estratégias elaboradas para a criação de estudo preliminar de um parque linear na Comunidade Patanal, localizada no município de Aracaju (SE). A fim de demonstrar que é por meio do reconhecimento e entendimento do conceito de cultura, que se faz possível compreender a identidade da comunidade, bem como os produtos culturais, para só assim criar espaços de uso coletivo, que proporcionem um ambiente confortável e convidativo para o exercício do lazer, que respeitem a apropriação e cultura social. Fortalecendo desta maneira as relações de vizinhança, a autoestima da comunidade e a requalificação do ambiente.

Palavras-chave: Favela. Cultura. Lazer.

ST – “5”: “As práticas culturais e as formas de produção do espaço”



1 INTRODUÇÃO

Este artigo¹ aborda sobre a possibilidade de criação dos espaços de lazer em favelas, a partir do reconhecimento cultural da parcela social a qual se destina a reconfiguração de espaços recreativos, por meio dos programas de urbanização de assentamentos precários. Para isso, busca-se compreender os aspectos culturais enraizados desde o processo de formação dessas áreas informais, até as principais ações de urbanização por meio do reconhecimento espacial de favelas no Brasil e a “ânsia pelos espaços comunitários [que] é observável em cada terreno baldio, em cada pequeno espaço não ocupado, onde, por mais inadequados que sejam, encontram-se grupos para o futebol e atividades variadas.” (CASÉ, 1996, p.32).

A produção da cultura que “diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade” (SANTOS, José Luiz dos, 2006, p.23), nas favelas do Brasil assim como no mundo, em grande parte criada e exercida através do desenvolvimento do lazer, encontra nas ruas o principal espaço para o desenvolvimento de suas atividades.

Tendo como principal objetivo solucionar o problema da falta de moradia, o processo de formação das favelas atrelasse a formação das cidades urbanizadas. Que acabaram por expulsar a população de baixa renda, que viviam em casarões abandonadas (cortiços) localizados nos centros das cidades, para as franjas da nova cidade moderna, embelezada e higienizada. Ao longo dos anos várias medidas foram tomadas com relação a essa forma de morar, que inicialmente partiam de programas que objetivavam sua extinção visual e funcional, passando por um longo período até chegar a políticas de reconhecimento e urbanização das áreas, com base nos ideias do arquiteto Jhon Turner. A integração de favelas à “urbe não se reduz a dotar a favela de sistemas de água, luz e esgoto, mas criar possibilidades que tornem seus ambientes aprazíveis, através da criação de áreas de serviço, lazer e praças para o convívio comunitário, hoje inexistentes” (CASÉ, 1996, p.28).

Assim, partindo da ideia que "projetar o lugar é essencial para comunidades, principalmente para as favelas, que têm no espaço livre um ponto de encontro para trocas de experiências e de afirmação de identidades" (CADERNOS TÉCNICOS MORAR CARIOCA - ESPAÇO LIVRE, 2013, p.20 apud AZEVEDO, 2015, p. 100). Este artigo tem como finalidade apresentar a elaboração de estratégias em nível de estudo preliminar, de uma área potencial para o desenvolvimento do lazer na comunidade Pantanal, Aracaju (SE).

A fim de promover conhecimento sobre o tema, o artigo tem como base nos procedimentos de coleta análise e extração do trabalho Monográfico Um Novo Olhar Sobre o Pantanal: Criando Paisagens através do Lazer – Autoral, 2015 que tem como referencial teórico livros como: Favelas: Arenas do Rio - Paulo Casé, 1996; Quando a Rua Vira Casa - Carlos Nelson F. dos Santos, et al, 1985; Urbanismo e Lazer - Marlene Yurgel, 1972. Além de pesquisa *in loco*; Análise de documentos institucionais do município de Aracaju; Levantamento fotográfico e Mapeamento por meio de fichas urbanas e aplicação de questionários (autorais). Sendo acrescentado como referencial teórico, para o desenvolvimento do presente artigo o livro: O que é Cultura – José Luiz dos Santos, 2006.

¹ Trate-se de uma extração do trabalho de conclusão de curso da autora: Um novo olhar sobre o Pantanal: criando paisagens através do lazer. O qual apresenta aborgem maior e especifica sobre a criação de paisagens e espaços dentro da comunidade Pantanal, localizada no município de Aracaju (SE). O trabalho resultou em estratégias ilustradas em croquis (autorais) para desenvolvimento futuro, de possíveis projetos para quatro áreas potenciais para exercício do lazer.



2 O LUGAR CHAMADO FAVELA

“A posição tinha o nome *favela*, designação popular de planta ali bastante comum, a *Cnidocolus quercifolius*” (MEIRELLES, 2014, p. 40). Para Renato Meirelles a designação do espaço físico criado de forma espontânea e informal, surge no pós Guerra de Canudos², com a volta dos soldados vitoriosos para a cidade do Rio de Janeiro, com a recompensa feita pelo governo, de ganhar casas na capital. Tal "compensação, porém, limitou-se aos rapapés dos políticos e aos elogios publicados por parte da imprensa da capital" (MEIRELLES, 2014, p. 40), impulsionando assim os soldados a tomarem uma providência diante do problema que estavam expostos, a falta de moradia.

Foi na cidade do Rio de Janeiro que surgiu o que para alguns, seria a primeira favela não só do estado, como também do país. A designação referência ao momento vivido em Canudos, o Morro localizado no Rio, apresentava semelhanças físicas com o local da guerra. Porém, em 1930 a área passa a ser denominado de Morro da Providência, seja pelo fato da existência de um rio na região de Canudos possuir a mesma nomenclatura, ou simplesmente devido à ação dos soldados em providenciar local para habitação.

O processo de urbanização, o advento dos planos de higienização e embelezamento das cidades, a população trabalhadora que vivia precariamente nos cortiços, casas geralmente abandonadas, localizadas no centro das cidades que pertenciam "a uma parcela rica da população, entre o final do século XIX e início do século XX, que perderam seu valor imobiliário devido à nova configuração que se instalava na cidade, e que foram adaptadas para que cada cômodo abrigasse uma família" (ARAÚJO; PEREIRA, p. 6). Acabaram expulsas para as zonas periféricas da bela cidade que se formava, dando origem ao processo de periferização.

É nas áreas rejeitadas pelo mercado imobiliário privado e nas áreas públicas, situadas em regiões desvalorizadas, que a população trabalhadora pobre vai se instalar: beira de córregos, encostas dos morros, terrenos sujeitos a enchentes ou outros tipos de riscos, regiões poluídas, ou... áreas de proteção ambiental (onde a vigência de legislação de proteção e ausência de fiscalização definem a desvalorização) (MARICATO, 2003, p. 154).

No Brasil, as favelas oficialmente apresentaram origem no Rio de Janeiro sendo consideradas como invenção carioca, como aborda Andrade (2010). Porém, através de estudos mais aprofundados compreende-se que a concepção e a forma do agrupamento são representações muito antigas. Segundo Andrade (2010, p.2) "é anterior até mesmo ao famoso Morro da Favella, que data de 1897. Desta forma, o Morro da Providência, ou o Morro da Favella, não teria sido a primeira favela do Rio". A autora complementa ao citar Valladares (2005) que no Brasil, anteriormente a última década do século XIX, já existiam na própria cidade do Rio de Janeiro, ocupações irregulares que se assemelhavam ao então Morro da Providência, como o Morro do Castelo e o Morro de Santo Antônio, abordadas por MEIRELLES (2014) como favelas antecessoras ao Morro da Providência.

Devido às semelhanças existentes entre as favelas e os agrupamentos humanos do período neolítico³, o arquiteto e urbanista Luis Kehl (2010), afirma que as favelas são fósseis urbanos. Cotrim (2002, p. 21) explica que a população desse período iniciou a construção de

² "conflito sociorreligioso ocorrido entre 1896 e 1897, no interior da Bahia, que acumulou como vítimas fatais, segundo estimativas, 20 mil sertanejos e 5 mil membros do exército republicano..." (MEIRELLES, 2014, p. 39-40).

³ Período pré-histórico conhecido também como Idade da Pedra Polida. Nesta época "desenvolveram-se a agricultura e a criação de animais" (COTRIM, 2002, p.29).



habitações com materiais mais sólidos como madeira, barro, pedra e folhagens, no momento em que sentiram a necessidade de se fixarem em locais próximos as plantações e criações de animais. Esta necessidade que impulsiona a consolidação das aldeias é característica do processo de sedenterização. Sendo possível desta maneira, perceber aspectos semelhantes dos agrupamentos neolíticos nas favelas, como as relações pessoais, a construção inicial dos abrigos e a disposição espacial desses aglomerados.

Assim analiticamente Kehl considera que as favelas são representações de um fóssil urbano. Ela apresenta uma “forma de ocupação do espaço que tem mais ou menos 10.000 a 40.000 mil anos, [...] os homens quando se agrupam se agrupam dessa maneira. Essa é uma característica especificamente das favelas” (KEHL, 2013).

Por um longo período, as políticas públicas foram voltadas visando erradicar visualmente ou funcionalmente as favelas das cidades. Vários programas ou planos como o Agache, não reconheciam e não consideravam ações de melhoria dentro dessas áreas. Foi na década de 60 que as discursões passaram a interligar remoção e urbanização de favelas, "com o programa de erradicação de favelas desenvolvido pelo governador Carlos Lacerda [criação da CODHAB, que construiu alguns conjuntos habitacionais na periferia], no Rio de Janeiro" (MACHADO da SILVA; FIGUEIREDO 1981 apud. CARDOSO, 2007, p. 7).

O reconhecimento das favelas e a sua consolidação passaram a ganhar força com o discurso do inglês Jhon Turner. Segundo Ferreira F. (2012) o arquiteto acreditava que favela não deveria ser considerada como um problema habitacional. As favelas deveriam ser vistas como parte da solução para a falta de moradia.

Para Casé (1996, p. 34) "a transformação em bairro e a integração à cidade não devem representar a perda de sua tradição. Ao contrário, devem significar o fortalecimento de seu passado, de sua história e de seus valores culturais". Assim, os discursos, soluções e realização da urbanização das favelas, a partir desse momento passam a reconhecer como necessidade básica a realidade social das favelas. Seus anseios, necessidades, sonhos, costumes e tradições. E "a ânsia pelos espaços comunitários é observável em cada terreno baldio, em cada pequeno espaço não ocupado, onde, por mais inadequados que sejam, encontram-se grupos para o futebol e atividades variadas." (CASÉ, 1996, p.32). Sendo assim o processo de urbanização de favelas deve contemplar ações mais abrangentes que visem também melhorias ou criação de espaços públicos para o exercício do lazer. Assim:

Integrá-la à urbe não se reduz a dotar a favela de sistemas de água, luz e esgoto, mas criar possibilidades que tornem seus ambientes aprazíveis, através da criação de áreas de serviço, lazer e praças para o convívio comunitário, hoje inexistentes. A implantação destes espaços equipamentos promoverão mais comodidade à vida cotidiana, [...] e o aumento da afeição dos moradores por seu bairro [...] O atendimento a estas questões elementares, que se constitui num dado mínimo para o exercício da cidadania, [cultura] contribuirá para a diminuição das desigualdades, fator redutor dos desequilíbrios e das tensões sociais [...] (CASÉ, 1996, p.28).

2 LAZER: UM EXERCÍCIO DA CULTURA NAS FAVELAS

Ao reconhecer a realidade social da favela, é possível notar que as necessidades vão além da falta de infraestrutura do espaço e a problemática habitacional. O lazer, ou os espaços adequados ao seu exercício, devem ser incluídos nos processos de urbanização de favelas. Desta forma, o termo lazer associa-se com os termos ócio⁴, ociosidade⁵, descanso⁶ e recreação⁷. Sendo:

⁴ "ócio (do latim otium)= vagar, descanso, repouso, preguiça;" (CARVALHO M., 2008, p. 21).



“[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode se dar de pleno grado, seja para se abandonar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua participação social voluntária, ou sua formação desinteressada, depois de estar livre de todas as suas obrigações profissionais, familiares ou sociais” (DUMAZEDIER *apud* YURGEL, 1983, p.18).

É por meio da prática do lazer, que são desenvolvidos cinco tipos de lazer, como aborda Carvalho M. (2008, p.21). "lazer físico - aqueles que implicam esforço e exercício de tipo corporal", lazer prático - são os que exigem uma habilidade manual e especial; lazer intelectual - que têm que ver com o cultivo do intelecto e da cultura; lazer artístico - que têm a ver com a prática específica de uma arte; lazer social - são os relacionados com aquelas atividades de diversão, descanso e desenvolvimento, praticadas de uma forma coletiva." (DUMAZEDIER, 1979, *apud*. CARVALHO M., 2008, p. 22-24 grifo da autora).

Os espaços de lazer também são caracterizados como áreas que propiciam o desenvolvimento cultural. Afinal se “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade” (SANTOS, José Luiz dos, 2006, p.23). A prática do lazer pode ser vista e entendida como o exercício da produção e disseminação cultural de um povo. A cultura é uma construção histórica, que engloba a vivência do homem e suas relações entre outros indivíduos e espaços. Bem como, os produtos resultantes de experiências ao longo da história social. Por esta razão as produções culturais desses assentamentos precários (no caso deste artigo, as favelas) “precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade” (*idem*, 2006, p.23).

A ação recrear influi no temperamento humano e serve como base para o desenvolvimento de elementos representativos para a cultura de uma comunidade e população, como as brincadeiras, as danças, entre outros.

Praticar o lazer "livra da fadiga e do tédio,... [e] o uso do tempo livre pode vir a ser um fator de desenvolvimento cultural..." (YURGEL, 1983, p.23).

Santos J. (2006) ao justificar o estudo da cultura, afirma que é por meio dela, que se faz possível compreender e aceitar que em uma sociedade, grupos sociais se organizam e vivem de maneiras diversificadas (**pluralidade social**), seja por conta do regionalismo, crença religiosa, intelecto ou até mesmo por classe social, ajuda o ser humano a pensar e compreender melhor a realidade social.

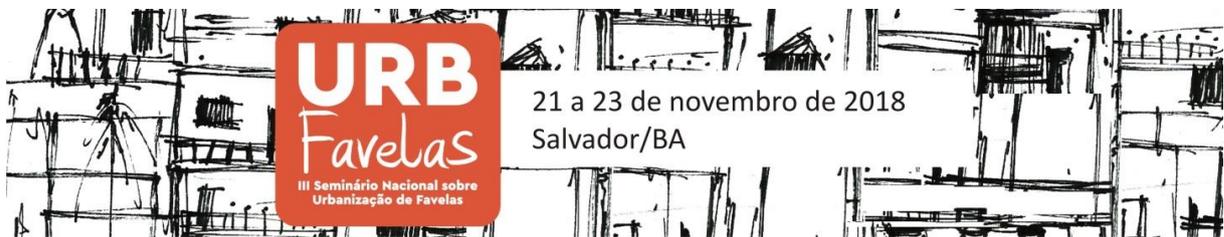
“Existem realidades culturais internas à nossa sociedade que podem ser tratadas, e muitas vezes o são, como se fossem culturas estranhas. Isso se aplica não só às sociedades indígenas do território brasileiro, mas também a grupos de pessoas vivendo no campo ou na cidade, sejam lugares isolados, de características peculiares, sejam agrupamentos religiosos fechados que existem no interior das grandes metrópoles. Pode-se tentar demonstrar suas lógicas internas, sua capacidade de emitir pronunciamentos, de interpretar a realidade que as produz, de agir sobre essa realidade” (SANTOS, José Luiz dos, 2006, p.18).

No Rio de Janeiro, por exemplo, de acordo com Camilo (2011), o surgimento em 1970 e o desenvolvimento do estilo musical funk, deu origem aos conhecidos bailes funk, que ocorrem em espaços públicos dentro das comunidades, como é o caso da favela da Rocinha, considerada como "uma das maiores favelas da América Latina" (CAMILO, 2011, p. 2).

⁵ "ociosidade (do latim otiositate) - o vício de gastar tempo inutilmente, preguiça;" (CARVALHO M., 2008, p. 21).

⁶ "descanso = repouso, sossego, folga, vagar, pausa, apoio, demora;" (CARVALHO M., 2008, p. 21).

⁷ "diversão ou entretenimento" (Dicionário didático, 2008, p. 599)



"Este estilo musical, por sua vez, também se expressa pelo estilo do funkeiro, que reúne marcas sociais e culturais expressas através da vestimenta, da dança, das gírias, do local de frequência dos bailes e do território de moradia" (CAMILO, 2011, p. 11). A autora (2011) relata ainda que apesar de ser considerado como um elemento culturalmente empobrecido, o funk oriundo dos morros é de conhecimento nacional e internacional e marca um exemplo da prática do lazer em muitas comunidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

O samba é uma prática social oriunda nas favelas, que culminou no surgimento de um dos maiores eventos do país (Desfile das Escolas de Samba, no Carnaval), o qual permite uma propagação no âmbito internacional. O samba, além de difundir a cultura iniciada nas favelas, representa hoje, a cultura do Brasil, como aborda Paulo Casé (1996).

Outra prática do lazer, fortemente encontrada e praticada nas favelas que vem sendo disseminada e ganhando força mundo a fora, são os grafites. O que poucos sabem é que o ato grafitar consiste numa **manifestação artística**, que teve origem na década de 70 em Nova Iorque. "Surgiu como uma nova maneira da cultura negra norte americana lutar para que suas singularidades étnicas fossem aceitas [...] [com intenção de críticas sociais e] [...] caráter de protestos aos regimes governamentais nas décadas de 60 e 70". (HONORATO, 2008/2009, p.5).

O grafite caracteriza-se como um lazer que promove o desenvolvimento de práticas artísticas e culturais, que tem sua origem nas ruas. A arte apresenta segundo Rodrigues (2013) a capacidade de revitalizar áreas abandonadas, tornando-as mais agradáveis. Ganhou aceitação popular de uma maneira geral, uma vez que divide a sociedade sobre seus efeitos, que basicamente eram vistos como elementos nas paisagens urbanas que provem "desconforto e estranhamento; dão uma nova visão dos muros que se apresentam como "imagens tatuadas"" (HONORATO, 2008/2009, p.3).

Sua prática vem adquirindo ao longo do tempo o patamar de arte democrática e por isso o desenvolvimento de galerias a céu aberto, destinadas ao grafite vem ganhando força em todo mundo. Rodrigues (2013) cita como exemplo a Wynwood Walls, localizada na Flórida e o circuito Casas-Tela na comunidade Pavão Pavãozinho e Cantagalo, no Rio de Janeiro.

A prática do lazer, que intensifica a disseminação e exercício da cultura social, dentro das comunidades, é variada de acordo com Peres (2009). O grupo da capoeira, da igreja, do funk e do grafite, por exemplo, são os grupos denominados pelo autor como identitários, que em muitas comunidades não encontram espaços adequados ou equipamentos culturais como teatros, cinemas, bibliotecas, galerias, centros culturais, salas de concerto, museus, etc. que permitam a realização dessas praticas em locais adequados.

Segundo Yurgel (1983, p. 64) "ao lazer das grandes massas, as únicas aquisições foram, na prática, o futebol e cinema, o rádio e a televisão", os quais se configuram como diversões comercializadas. As classes menos abastadas, ficam restritas as diversões comercializadas oriundas da era industrial. Assim evidencia que as ações públicas devem contemplar uma sociedade com mais oportunidades de "lazer como praças de esporte, bibliotecas, colônias de férias, centros de lazer, isto é atividades de participação, não somente espetáculos" (Yurgel, 1983, p. 23), que proporcionem o acesso igualitário e democrático aos espaços de lazer e bens de cultura.

Em contrapartida, em algumas comunidades se faz possível observar que:

[...] projetos sociais são cada vez mais comuns na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo voltados para jovens moradores de favelas e áreas consideradas de risco. Parte desses projetos – notadamente pelo público a que se destina – é identificada ou comumente denominada, ainda que de forma imprecisa, projetos de "lazer", de



“esporte” ou de “cultura”. Secretarias públicas, organizações não governamentais e 67 empresas tanto privadas como de economia mista elaboram, financiam e implementam – algumas vezes com grande visibilidade – experiências desse cunho, deixando entrever o espaço que a questão vem ocupando na agenda pública, bem como a existência de uma demanda crescente por iniciativas sociais desse tipo. (PERES, 2009, p. 66-67)

O lazer ao longo do tempo passou a ser caracterizado como um elemento comercial. Muito disso relaciona-se ao fato do advento das tecnologias e com o decorrer dos períodos, a facilidade do acesso aos meios de comunicação passaram a transformar o cenário do lazer e consequentemente a forma de recrear do homem.

O surgimento da vida urbana, trouxe contribuições novas para a exposição das massas populares as formas coletivas de lazer, em particular o rádio e a televisão... Por outro lado, o surgimento das cidades fez desaparecer, ou quase desaparecer, algumas formas tradicionais de jogos populares, festas de vários tipos e manifestações individuais. A cidade contribuiu também para que a classe dominante se excluísse de alguns processos, para fechar-se nos seus próprios quarteirões culturais, cada vez mais vitimada pela acídia (YURGEL, 2000, p.13).

O lazer por ser uma necessidade individual e coletiva deve ser também visto como um direito de todo e qualquer cidadão. Sua garantia como tal, foi efetivada pelas principais legislações, tanto no aspecto municipal como Planos Diretores como a nível federal como é o caso da Constituição Federal de 1988. Além de apresentar dois capítulos destinados a ele, no Estatuto da cidade. Assim como é considerado um direito social o acesso à moradia, a educação, saúde, alimentação, também se constitucionaliza o direito ao lazer. Bem como o acesso a cultura, cujo artigo 215 da mesma constituição, garante que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988).

3 FORMAÇÃO DOS ESPAÇOS DE LAZER NAS FAVELAS

Nas favelas, a principal questão a ser solucionada é a falta de moradia, tendo como prioridade espacial a habitação, o que justifica o seu denso ambiente construído. Assim os espaços públicos desenvolvem-se informalmente nos espaços vazios dentro da comunidade ou em áreas adjacentes (DIXON, 2014, *on-line*), que permitam a fruição da atividade das várias formas de lazer. A construção de uma favela, que se inicia por meio de uma invasão, não se prioriza ou idealiza-se, a priori, a destinação de uma ou algumas áreas que contemplem os espaços de convívio e lazer. Assim os espaços coletivos surgem progressivamente de acordo com a ânsia e necessidade do grupo social e de acordo com as atividades desenvolvidas.

Espaços públicos são determinados como áreas destinadas à apropriação pública, que podem ter algumas restrições de uso, como os institucionais, escolas, creches, hospitais, entre outros. Assim como os espaços públicos que não apresentam restrição de acesso, caracterizando-se pela livre circulação de acesso, como as áreas destinadas a prática do lazer e os logradouros públicos (LAURENTINO, 2006). São nesses espaços onde as pessoas passam a maior parte do tempo. Neles são desenvolvidas e fortalecidas as redes de vizinhança, oriundas das relações instantâneas, que ocorrem entre os indivíduos como também entre as casas e os espaços coletivos.

Comumente encontram-se muitas das práticas sociais de lazer sendo desenvolvidas em áreas inadequadas, que não apresentam condições básicas para sua execução. O mais frequente ocorre nas comunidades informais, que por não apresentarem áreas com função básica de lazer ou cultura se deparam com "a maioria da população que não tem tido outra alternativa senão aceitar as imposições, acabou por criar mecanismos de defesa e superação" (SANTOS, [Digite texto])



1985, p.12). Para esta população resta reverter "os significados dos espaços que lhe são impingidos. Cria, às vezes com muita dificuldade e desgaste, ordens próprias que ultrapassem as ordens simplistas e abstratas dos planejadores" (idem, 1985, p.12).

Em pesquisa etnográfica realizada no complexo Mangueiras (RJ), Peres (2009) descreve breve e claramente como são desenvolvidas as brincadeiras na favela por ele estudada, mas a situação por ele descrita caracteriza uma ocasião geral em muitas favelas.

[...] um grupo de meninos [...] Descalços e sem camisa, corriam livremente - um atrás dos outros - em um chão de terra batida. Pareciam alheios a qualquer fato ou evento exterior que viesse atrapalhar suas brincadeiras. Apesar da visível pobreza e das baixas condições de vida, se divertiam com suas ingênuas meninices (PERES, 2009, p.70).

Comumente encontra-se nas favelas o desenvolvimento das atividades de lazer em espaços, com funções distintas a essas, como:

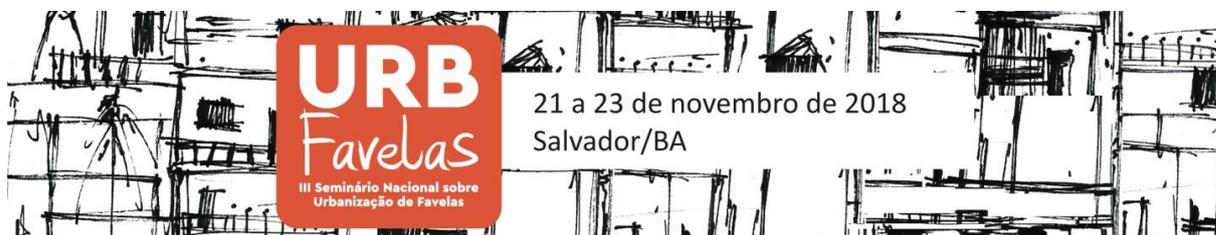
Vias públicas e escadarias são adotadas como lugares para conhecer pessoas, conversar e passar o tempo. Além disso, o domínio privado muitas vezes se estende para a esfera pública, resultando em espaços sociais que incluem lajes, terraços, e portas de residências que fornecem essas mesmas funções. (DIXON, 2014, *on-line*).

Muito do desenvolvimento do lazer nas favelas, atrela-se a apropriação dos espaços. Essa apropriação é desencadeada de acordo com as necessidades do dia a dia, que consequentemente resultará no estabelecimento das funções de determinado local, pelo indivíduo ou grupo social. De acordo com Santos (1985) para a população da comunidade independe se este espaço é uma rua, viela, beco, uma área com riscos inerentes, como na região do Catumbi, Rio de Janeiro, na qual a prática de empinar pipa ocorre próximo "a rede área, além de ser um perigo, é um estorvo para o exercício dessa brincadeira [...] Mesmo assim, ainda são usados pela garotada das ruas adjacentes" (SANTOS, 1985, p.39). O que verdadeiramente importa é a realização das diversas práticas do lazer.

A rua passa a ser o principal espaço público para realização das atividades de lazer, prática social e cultural nas favelas. Para Santos (1985, p. 13) nelas são desenvolvidos os "jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias e atividades assemelhadas que se opõem às ideias de privacidade e de intimidade" (SANTOS, 1985, p.13). Ainda de acordo o autor essas atividades, "encontram na rua o seu lugar ideal" para se manifestarem. Diante do modo como a população das favelas se apropria desses espaços, as ruas que "servem como referenciais definidores dos limites de um determinado território" (SANTOS, 1985, p.23), passam a apresentar nova potencialidade, a de espaço de lazer exercendo assim mais de uma função e distinta de sua função primária.

As calçadas quando existentes passam a serem utilizadas como varanda frontal da residência. A apropriação desses espaços é tão forte, que a sua utilização transcende o público do privado. "Na calçada, junto da porta, é que se colocam as cadeiras ou se desenvolvem certos brinquedos infantis" (SANTOS, 1985, p.54). A ideia das cadeiras nas calçadas é uma característica típica das cidades tradicionais, sendo que com as transformações realizadas ao longo do tempo na urbe, essa especialidade passou a ser esquecida pela população das cidades formais, tornando-se assim uma das principais características de bairros periféricos e ocupações da cidade ilegal.

Hoje com as políticas de urbanização de áreas precárias, já é reconhecida a necessidade da criação de áreas de lazer, nas favelas. Assim, as propostas de projetos para as informais devem partir do conhecimento da realidade social. Uma vez que é por meio do reconhecimento dessa realidade, que os projetistas entenderam as atividades e a forma que são desenvolvidas, assim



como os espaços dentro das comunidades, que servem a população de palco para o desenvolvimento do recreio (CASÉ, 1996) e conseqüentemente cultural.

Yurgel (1983) acredita que "falta uma política de organização de programas para o lazer das populações urbanas", incluem-se aqui as políticas e os projetos de urbanização de favelas. Uma vez que essas estão incluídas na área urbana da cidade e também necessitam de uma organização de programas para a execução adequada do lazer.

É possível (idem, 1983) ressaltar que o lazer deve abranger toda uma população independente de qualquer aspecto que tende a distinguir grupos sociais. Desta forma, a prática deve ser considerada como um direito, que deverá garantir o acesso aos espaços criados para tal fim, independente, também da sua localização.

Cada dia mais o lazer que deveria ter sua representação maior, em espaços públicos tornam-se recintos privatizados como clubes, parques, restaurantes e shoppings, tornando as atividades para uma parcela da população "restritas por serem pagas. Com isso, só as pessoas que possuem uma renda maior, conseguem escolher [...]" (CARVALHO M., 2008, p.28).

Ao analisar os equipamentos culturais existente na cidade é possível perceber "que frequentemente são acionados como instrumentos para a "revitalização", são os ícones do chamado processo de "gentrificação cultural", ou seja, "um enobrecimento ou emburguesamento das atividades culturais urbanas" (VAZ & JACQUES, 2003, p. 133 apud BARBOSA, 2013, p.109).

Vale ressaltar que a ideia de criação de espaços públicos, como os equipamentos culturais, ou o reconhecimento da cultura das favelas não podem servi ao mercado de consumo de bens culturais, se a mesma não for verdadeiramente democratizada a toda população independente de cor, nível social, escolaridade etc.

4 CRIAÇÃO DE ESPAÇO ATRAVÉS DO LAZER NA COMUNIDADE PANTANAL (SE)

A Invasão do Pantanal ou Vila Socó esta localizada no município de Aracaju, SE, Bairro Inácio Barbosa, na zona sul da capital. De acordo com o histórico do Inácio Barbosa cedido pela COGEPLAN (apud Azevedo, 2015), o bairro é constituído predominantemente por uma população de classe média. Conhecido atualmente por apresentar um clima boêmio em suas ruas, o bairro teve início na década de 70, a partir das construções dos conjuntos Jardim Esperança, Beira Rio, Inácio Barbosa, Parque dos Coqueiros, e pelo Loteamento Pantanal. Conta com uma população de 13.887 habitantes, de acordo com o senso de 2010 do IBGE.

Ilustração 1 - Localização de Aracaju em Sergipe, indicado no mapa do Brasil

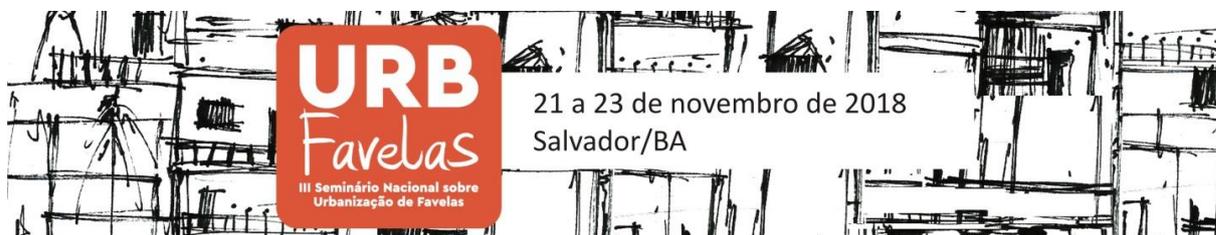


Fonte: Azevedo, 2015, p.42.

Ilustração 2 - Localização do Pantanal no Bairro Inácio Barbosa



Fonte: Azevedo, 2015, p.42.



A invasão, que surgiu em media a 30 anos as margens do Rio Poxim, de acordo com o Relatório do Programa Aracaju Morar Legal (FAPESE, 2006 apud Azevedo, 2015) foi assim denominada por ter sido edificada em uma área de densa vegetação, característica de outras áreas da cidade, compostas de Pântanos e charcos. A localidade consistia em uma lagoa de drenagem de águas pluviais, que foi aterrada devido à invasão.

Em virtude da necessidade de habitação, um grupo de pescadores deu início, irregularmente, a ocupação da comunidade. A priori a vila de pescadores era composta basicamente por familiares, porém, ao longo do tempo outras pessoas passaram ocupar o espaço, havendo a necessidade de expandir o assentamento, estendendo-se também em direção à margem do rio Poxim.

De acordo com o Plano Diretor Municipal (2000, apud Azevedo, 2015) vigente, o bairro ao qual pertence à invasão é considerado como uma Zona de Adensamento Básico do tipo II. O Anexo VI.C (2000) do mesmo plano, indica que a comunidade ocupa uma área considerada como Área de Desenvolvimento Econômico - A. D.E. N. 1, que apresenta como diretrizes gerais incentivar o desenvolvimento tecnológico e empresarial em decorrência da industrialização. Em contra partida por se tratar de uma área que margeia um curso d'água Rio Poxim, é uma região considerada como área de preservação ambiental. E de acordo com as normativas urbanísticas federais e municipais, não deveria ser edificada.

Com as observações feita *in loco*, foi possível perceber várias tipologias habitacionais. Casas sobrepostas em até três pavimentos; uso misto; em alvenaria ou alguns barracos, construídos a partir de materiais descartados de outras construções. O Relatório do Programa Morar Legal contabilizou na comunidade aproximadamente 700 residências, térreas em sua maioria, porém algumas se destacam na paisagem por apresentarem mais de um pavimento.

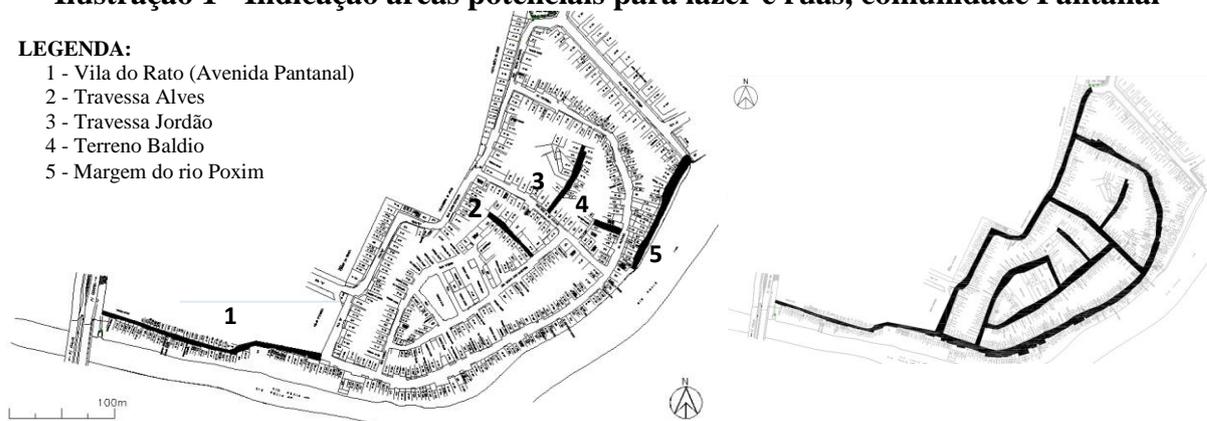
A comunidade Pantanal apresenta em toda extensão abastecimento de água e energia, porém até o ano de 2015, não apresentava rede de esgotamento sanitário, o que levou a população criar de forma improvisada e inapropriada uma rede de esgotamento que lança de forma “*in natura*” os dejetos no Rio Poxim.

Ao todo a comunidade apresenta sete vias (Ilustração 1) por onde, trafegam veículos automotores, de tração animal, propulsão humana, pedestre e onde ocorrem as principais manifestações do exercício do lazer. Duas dessas vias apresentam-se como travessas. Em certo trecho da principal via chamada Avenida Pantanal, devido ao estreitamento espacial, configura-se como beco.

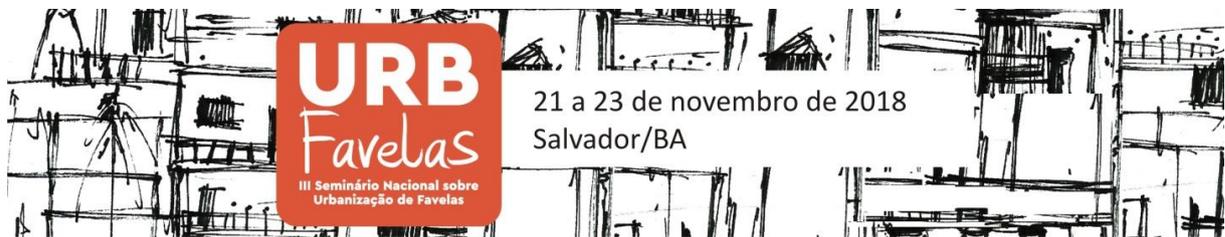
Ilustração 1 - Indicação áreas potenciais para lazer e ruas, comunidade Pantanal

LEGENDA:

- 1 - Vila do Rato (Avenida Pantanal)
- 2 - Travessa Alves
- 3 - Travessa Jordão
- 4 - Terreno Baldio
- 5 - Margem do rio Poxim



Fonte: Azevedo, 2015, p.77.



A elaboração de estratégias nasce da essência espacial da comunidade, levando em consideração sua morfologia, características apropriação dos espaços, sendo vistas como um referencial para a projeção das áreas de lazer e convívio. Buscando refletir ações que intensifiquem as relações mais imediatas entre o núcleo familiar e o grupo social, entre a residência e os espaços coletivos. Tornar o espaço precário ainda mais utilizado a partir da projeção do espaço público apropriado para o desenvolvimento do lazer, utilizando como principal referência às potencialidades do espaço e da comunidade. Lembrando que "Projetar o lugar é essencial para comunidades, principalmente para as favelas, que têm no espaço livre um ponto de encontro para trocas de experiências e de afirmação de identidades" (CADERNOS TÉCNICOS MORAR CARIOCA - ESPAÇO LIVRE, 2013, p.20 apud AZEVEDO, 2015, p. 100).

Mediante visitas e observações sobre a comunidade Pantanal, estabeleceu-se que as estratégias deveriam apresentar ligação direta com eventos cotidianos da população. Além de tratar dos espaços ainda não adensados a fim de prover vegetação, condicionando aos espaços a função de uso coletivo.

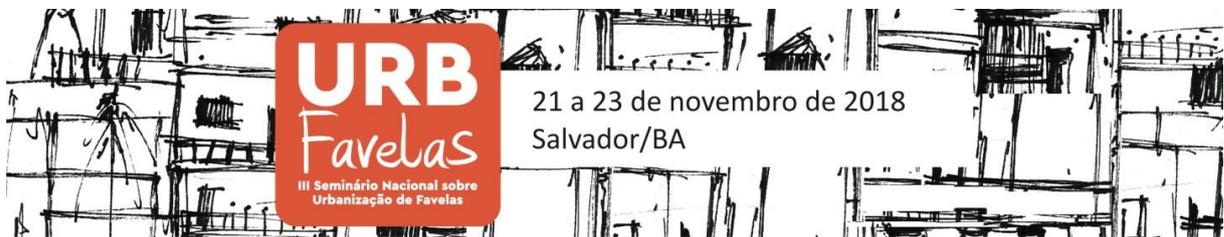
O conceito para realização de estratégias parte do reconhecimento cultural da população a quem se destinam melhorias, considerando hábitos como o grafite e a utilização de espaços como praças. Assim, a arte ganha um papel fundamental de integração social e revitalizadora de ambientes abandonados, uma vez que assim como nas demais favelas a Comunidade Pantanal, apresenta espalhado por seu território, vários grafites produzidos por artistas da própria comunidade. A ressignificação e apropriação de espaços como as travessas e terreno baldio implicam na revitalização ou transformação desses, em espaço de lazer e convívio. Tendo como referencia a criação dos Pocket Parks, os quais apresentam origem nos Estados Unidos e já apresenta aplicações no Brasil, na cidade de São Paulo (Ilustração 2). A criação desse novo conceito de espaço urbano passou a ser estabelecida no Plano Diretor Estratégico da cidade de São Paulo e independe do tamanho da área que será implantado. O importante é a criação de mais espaços convidativos dentro do espaço urbano destinados a moradores e trabalhadores da região na qual serão implantados os miniparques ou ainda parques de bairro com escala reduzida.

Ilustração 2 - Pocket park na Rua Amauri, zona sul de São Paulo



Fonte: Azevedo, 2015, p.77.

Com relação ao verde (vegetação) dentro da comunidade, buscou-se introduzir nessas estratégias a ideia de compensar o que foi devastado mesmo que em escala menor, associando essa questão de compensação vegetal ao real significado da palavra Favela - arbusto de grande porte encontrado na caatinga. Esta associação não concerne apenas com a introdução de espécies vegetais na comunidade Pantanal, como também acredita-se que através do



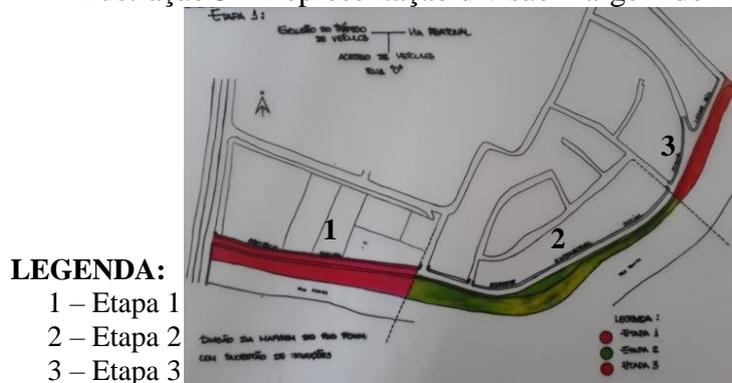
significado natural e original seria possível conceder valorização a nomenclatura, hoje vulgarizada por estereótipos depreciativos.

Com base no partido urbanístico dos 15 m estabelecidos pelo município, a principal diretriz é incorporar toda margem do rio ao espaço público da comunidade, dotando-a de vegetação e mobiliário urbano, configurando como parque linear.

A principal preocupação com o projeto proposto seria a abertura da via, hoje denominada como Avenida Pantanal, para passagem de veículos em toda sua extensão, incluindo a Vila do Rato. Esta abertura seria uma conexão direta entre os bairros São Conrado e Inácio Barbosa. No planejamento de uma cidade a abertura de vias, configura-se como vetor de crescimento, ocasionando uma especulação imobiliária. Desta forma por se tratar de uma região com forte presença de fabricas e comercio no geral, a abertura da via poderia implicar na desconfiguração do perfil social da comunidade. A partir dessa premissa passou-se a analisar, ações que pudessem amenizar esta possível desconfiguração. Com isso a primeira estratégia para a área foi à eliminação do tráfego de veículos na região da Vila do Rato (Ilustração 3 - Etapa 1), permanecendo o acesso de veículos a Avenida Pantanal por vias perpendiculares a mesma, criando uma via peatonal, semelhante ao que se observa hoje na vila.

Dividiu-se a Margem do Rio, englobando a Vila do Rato, em três partes (Ilustração 3). Sendo caracterizadas pelo lazer artístico (Etapa 1), lazer físico e intelectual (Etapa 2), lazer social e jogos (Etapa 3), o que não representa a exclusividade de alguma atividade em mais de uma etapa.

Ilustração 3 – Representação divisão margem do Rio Poxim



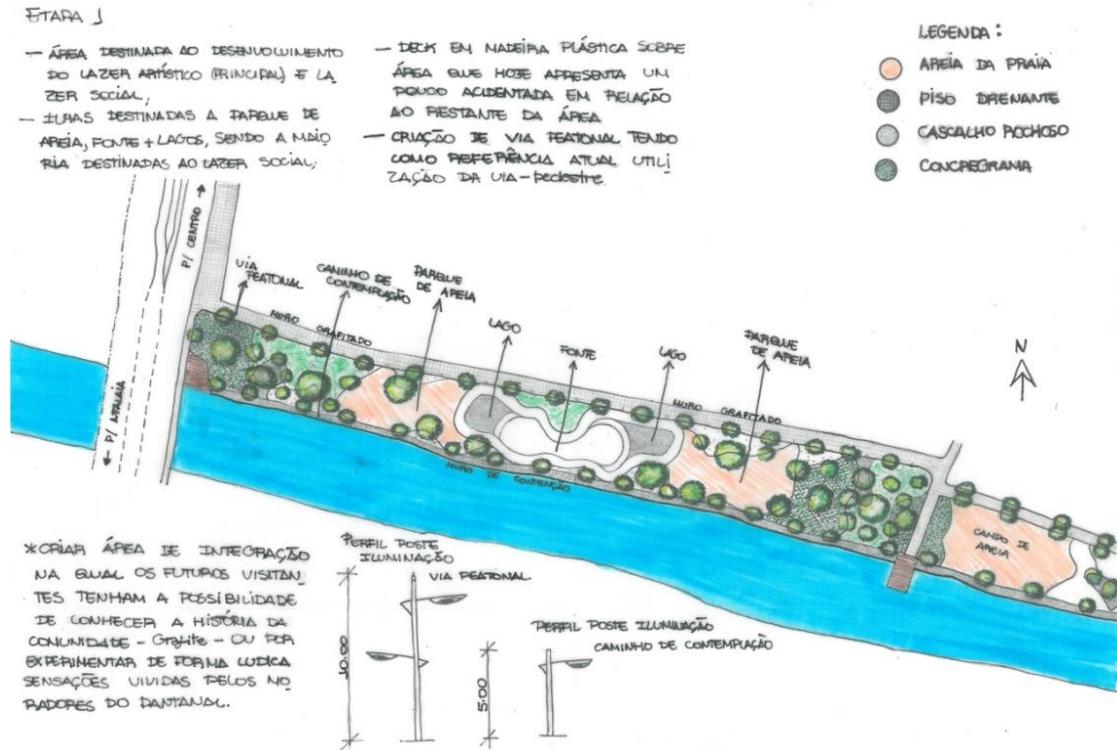
LEGENDA:
 1 – Etapa 1
 2 – Etapa 2
 3 – Etapa 3

Fonte: Azevedo, 2015, p.103.

A Etapa 1 (Ilustração 4) seria a do Vila/Beco do Rato (Ilustração 5), na qual optou-se em trabalhar o lazer artístico - grafite - em toda extensão dos muros (Ilustração 6) que limitam hoje a vila. Os grafites, executados por moradores inicialmente contariam a história da comunidade. Tendo como base a ideia de exposições temporárias para criar fluxo de visitantes e integração social entre cidade formal e informal. A ideia parte basicamente da tentativa de preservar e difundir a história da comunidade Pantanal. Esta área contaria ainda com um extenso Deck proposto em madeira plástica que seria uma extensão do caminho de contemplação do rio Poxim.



Ilustração 4 - Planta Baixa Esquemática Etapa 1



Fonte: Azevedo, 2015, p.106.

Ilustração 5 - Foto aérea da Vila do Rato



Fonte: Azevedo, 2015, p.115.

Ilustração 6 - Muro Vila do Rato



Fonte: Azevedo, 2015, p.115.

Ao estudar a comunidade foi possível notar o hábito dos moradores, adultos e crianças, andarem descalços pela comunidade. Assim, visando propor ao futuro visitante, sensações semelhantes às vividas hoje pelos moradores da comunidade, sugere-se a utilização de parque de areia (Ilustração 7) que remete as vias sem pavimentação, por onde moradores caminharam - descalços - durante anos. Além de uma área com fontes (Ilustração 8), que remeteria aos períodos mais quentes nos quais as crianças banhavam-se no rio ou até mesmo através de baldes, se refrescavam com outras crianças, seja nos quintais das casas como também nas vias. As duas laterais longitudinais das fontes apresentariam um espelho d'água com profundidade de 20 cm, o qual representaria as vias de superfície irregulares, alagadas nos períodos chuvosos, tendo anteparos de madeira que faziam conexões mais planas entre as bordas de buracos e valas. Aqui esses elementos seriam representados por anteparos de concreto armado que apresentariam 30 cm de altura.

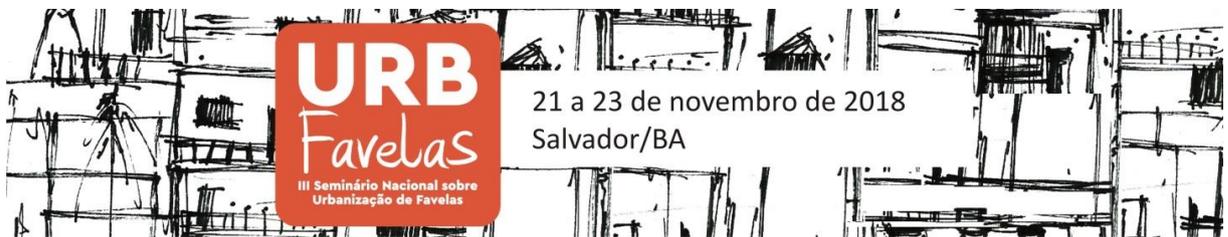
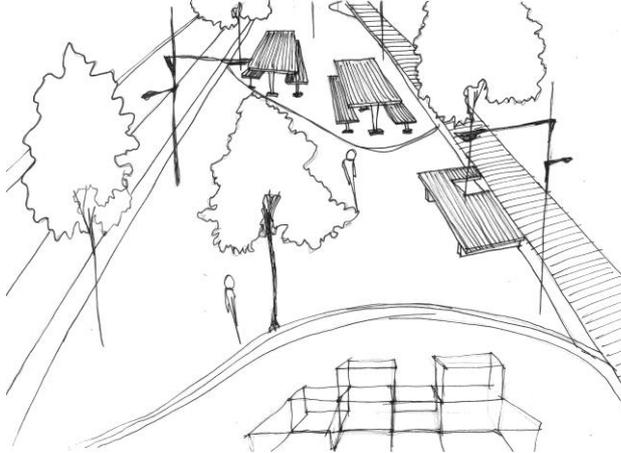
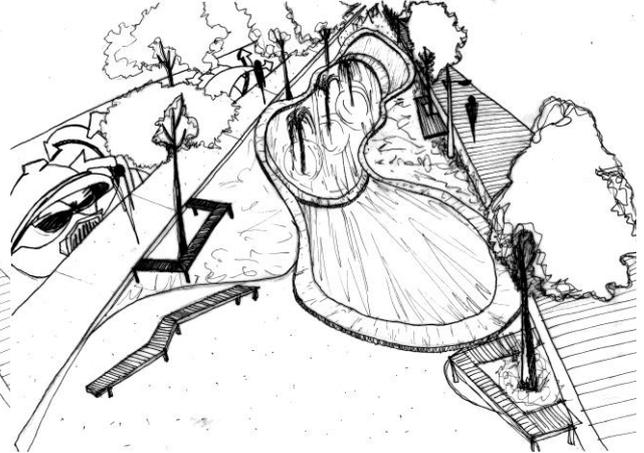


Ilustração 7 – Parque de areia e convívio



Fonte: Azevedo, 2015, p.107.

Ilustração 8 – Fonte d'água



Fonte: Azevedo, 2015, p.77.

A inspiração para a composição descrita acima se deu tanto pela vivência dos moradores no espaço que habitam, como também no Parque de los Pies Descalzos em Medellín, o qual apresenta um Parque de Areia com obstáculos em nível que convidam o visitante a passar sobre eles (Ilustração 9), além das fontes que são cotidianamente utilizadas por quem passa pelo parque (Ilustração 10).

Ilustração 9 - Parque los Pies Descalzos



Fonte: Azevedo, 2015, p.105.

Ilustração 10 - Área Molhada com Fontes



Fonte: Azevedo, 2015, p.105.

A Etapa 2 (Ilustração 16), referente ao lazer físico e intelectual, contaria com um campinho de esportes em areia, um espaço para ginástica uma vez que a ONG instalada na comunidade, C.H.A.M.A., realizava aulas de ginásticas que apresentam procura da população. Parque infantil, áreas com mesas para piquenique, três quiosques (Ilustração 11) locados na parte mais extensa do calçadão, sendo um em laranja - desperta a criatividade - destinado a armazenagem de material para grafite. Outro em amarelo - desperta a fome - destinado a comercialização de produtos alimentícios e um em azul - ativa parte intelectual - proposto para ser usado como uma biblioteca a fim de incentivar a leitura de crianças, contendo também exemplares de jornais e revistas para adultos. Assim a segunda etapa conta ainda com áreas destinada à leitura como um redário sob pergolado (Ilustração 12), além de uma área em gramado com espécies arbóreas criando uma cobertura natural. Para essas árvores sugere-se a presença de bancos mais baixos ao redor de seus troncos, que possibilitem aos leitores deitarem.



Ilustração 11 - Etapa 2, Quiosques: pintura, biblioteca e alimentação

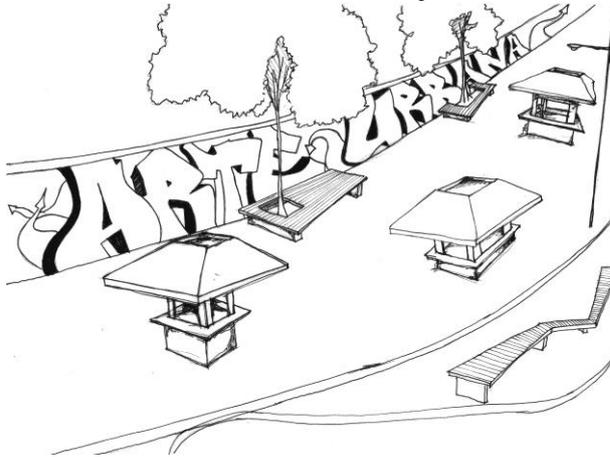
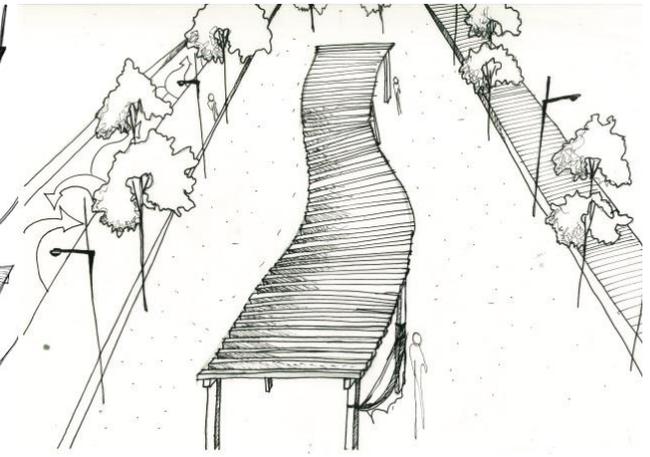


Ilustração 42 - Etapa 2, Redário e píer



Fonte: Azevedo, 2015, p.108.

Fonte: Azevedo, 2015, p.116.

Os referenciais para elaboração de diretrizes e consequentemente projeção da paisagem dessa área, não se fundamentou apenas em espaços públicos de outros estados ou países. Observaram-se também mobiliários urbanos da cidade de Aracaju que poderiam ser incorporados na paisagem desse espaço público da Comunidade Pantanal como dos equipamentos de ginástica presentes na Praça Tobias Barreto (Ilustração 13), assim como em Parque Linear construído sobre canal da Avenida Murilo Dantas, Bairro Farolândia. Ambos apresentam utilização cotidiana desses mobiliários.

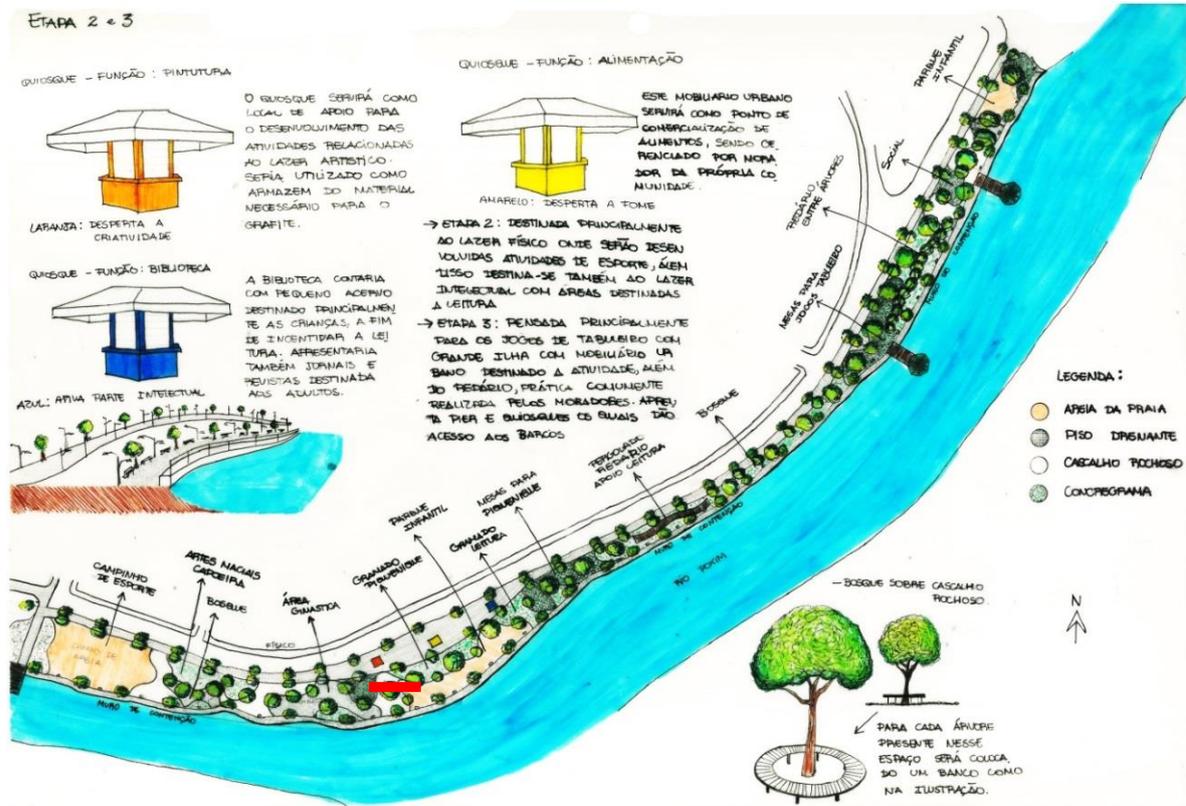
Ilustração 5 - Aparelho de Ginástica, Praça Tobias Barreto, Aracaju



Fonte: Azevedo, 2015, p.108.

A Etapa 3 (Ilustração 14) trecho de uma via da área formal do bairro (continuação da Rua João Pereira Feitosa) apresenta acesso direto ao rio (Ilustração 15). Sugeriu-se como principal vocação o lazer social e principalmente uma "ilha" destinada a jogos de tabuleiros, sendo esta atividade comumente executada por moradores dessa área específica, antes da retirada das árvores. Esta etapa apresenta dois piers em madeira plástica com quiosque em suas extremidades voltadas para o rio Poxim, comportando acesso aos barcos dos moradores da área (Ilustração 16).

Ilustração 6 - Planta Baixa Esquemática Etapa 2 e 3



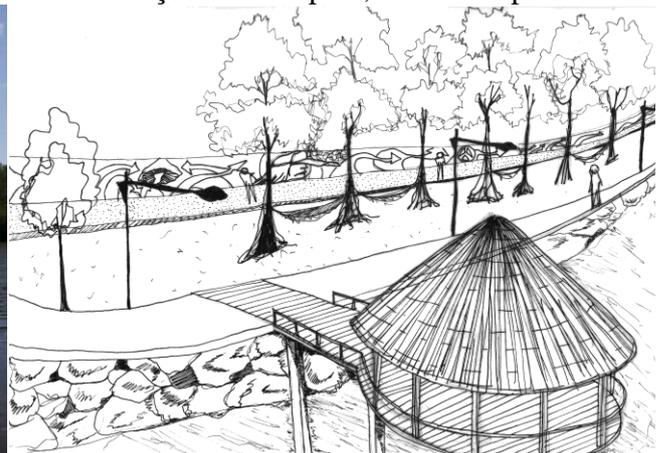
Fonte: Azevedo, 2015, p.115.

Ilustração 75 – Acesso direto ao rio



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

Ilustração 86 - Etapa 3, Redario e pier



Fonte: Azevedo, 2015, p.108.

Além disso, foi indicada para a composição do local a utilização de um redário, tendo inspiração na forma de apropriação dos morados que estendem suas redes entres as antigas árvores localizadas na margem do rio, como também ocorre na comunidade Jardim Olinda em São Paulo, sendo que a área urbanizada incorporou nas funções da nova área de lazer o hábito desenvolvido por moradores (Ilustração 15). Nessa área também existia um tirolesa a qual foi retirada (Ilustração 16). Propõe-se entre os quiosques uma nova tirolesa.



Ilustração 9 - Redário comunidade Jardim
Olinda, São Paulo



Fonte: Azevedo, 2015, p.77.

Ilustração 106 - Tirolesa Comunidade
Pantanal



Fonte: Acervo pessoal, 2015.

A pavimentação sugerida para área do calçadão seria placa quadrada drenante de concreto poroso, para algumas ilhas do parque concregrama e pedriscos, sendo este último a cobertura da superfície do caminho de contemplação do rio, também chamados de cascalhos rochosos encontrados em margens de rios. Para todas as ruas da comunidade pensou-se na utilização de bloco retangular intertravado. A opção pelas placas drenantes, bloco intertravado e concregrama se deu devido a maior permeabilidade que eles proporcionam em relação a outros tipos de pavimentação. Além do mais a produção desses, poderiam ser realizadas por grupo de moradores, que passariam por capacitação para o desempenho de tal atividade, diminuindo o custo final do produto, pois seria fabricado in loco, além de capacitar o grupo que poderia sobreviver posteriormente da produção desses produtos. Sugere-se também cobertura vegetal como grama esmeralda e areia de praia, para o campinho de esportes (Etapa 2), parque infantil (Etapa 2 e 3) e parque de areia (Etapa 1).

Propõe-se alguns exemplos de espécies arbóreas nativas para a formação da paisagem, que possivelmente apresentariam um bom desenvolvimento na área de estudo, como, Aroeira Salsa (*Schinus molle L.*), Amendoeira (*Terminalia Catappa*) etc. A reintegração da vegetação existente (manguezal) anterior à invasão, não caberia para a atual conjuntura do espaço que circunda a margem do rio. Sugere-se uma proposta para a composição arbórea que se adeque ao atual perfil socioespacial, que caracterize o local e as atividades desenvolvidas, criando um espaço não apenas de contemplação ou totalmente natural. Mas sim um espaço destinado à natureza e ao homem. Para cobertura vegetal optou em utilizar também forrações que geralmente nascem espontaneamente, sendo desprezadas por muitos, porém apresentam uma beleza única, fácil ou nenhuma manutenção além de ser mais econômica, como Grama amendoim (*Delonix regia*).



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no conceito de cultura e compreendendo-a como a representação dos processos que contemplam a construção da história de uma sociedade, o próprio processo de formação das favelas pode ser visto como um processo cultural, originado pela falta ou ineficiência de políticas públicas efetivas, em torno de um problema que perdura há décadas, a falta de moradia para as minorias de nossa sociedade. E ainda que vistas como um local de violência e pobreza, as favelas apresentam uma produção cultural diversificada produzida de forma intuitiva, por meio do exercício do lazer em espaços inadequados a sua execução.

O reconhecimento da existência de uma cultura é fundamental não apenas para a criação de espaços agradáveis dentro das comunidades. Reconhece-la pode transfigurar o favelado (no sentido estereotipado) a cidadão, integrando assim não apenas um espaço, como também a população a qual ocupa. Integra socialmente e afirma a ideia de que a cultura de um povo é na realidade um produto da coletividade humana, sem qualquer exclusão.

É somente por meio do reconhecimento dessa cultura, que se faz possível estabelecer estratégias para projetar espaços em favelas (comunidades) que introduzam elementos da cidade formal, sem extinguir a realidade da população. A fim de criar espaços qualitativos que potencializem atividades cotidianas. Em contra partida é válido ressaltar como complexo é garantir o direito ao lazer quando do outro lado nos deparamos com o direito à moradia, tendo que assegurar também o direito ao meio ambiente. Quando a paisagem natural não existe mais e a população residente se apropria do espaço, dando-lhe um uso de diferente ao de área de preservação ambiental.

Assim diante das pesquisas e mais precisamente da pesquisa de campo (coletada e apresentada no trabalho original), na qual foi possível compreender e reconhecer o engajamento da população da favela em obter espaços de lazer, na tentativa de recrear-se e ter em sua localidade espaços públicos para o desenvolvimento de atividades recreativas. Notou-se que a construção e qualificação dos espaços públicos na comunidade Pantanal trariam benefícios não só ao meio ambiente, como também influenciaria no modo de vida e produção cultural da população, que já se apropria do espaço estudado, ao incorporar elementos do cotidiano urbano, preservando a identidade da favela.

Por fim, o reconhecimento das favelas enquanto área ocupante das cidades formais levou longas décadas para ser efetivamente reconhecido. Tal fato foi tema de muitas discursões e ações de remoções e requalificações de paisagens, que não reconheciam as relações socioespaciais dessas áreas. Sendo possível gerar a indagação se realmente integrar as favelas a urbe, tem sido finalidade efetiva nas políticas públicas atuais. Uma vez que as ações de urbanização precisam expandir além da infraestrutura básica, contemplando e incorporando nas ações, características espaciais, o modo de vida, relações espaciais e sociais. Com a principal finalidade de atender a população da comunidade e solucionar de fato o problema da falta de moradia digna para as minorias.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **Urbanização de favelas: inserção na cidade?**. Caxambu: 34º Encontro Anual da Anpocs, 2010.

ARAÚJO, Larissa Oliveira Gonçalves de; PEREIRA, Mariene dos Santos. **A vida nos Cortiços: o cômodo e o incômodo panorama do atendimento habitacional do centro de Santos**. Disponível em: < <http://www.cibs.cbciiss.org/arquivos/A%20VIDA%20NOS%20CORTICOS%20-%20COMODO%20E%20INCOMODO.pdf> >. Acesso em: 08 junho 2018.

AZEVEDO, Nome identificado posterior à aprovação. **Um novo olhar sobre o Pantanal: criando paisagens através do lazer**. 2015. 139 f. Monografia (Arquitetura e Urbanismo). Universidade Tiradentes, 2015.

BRASIL, Ministério das Cidades. **Regularização Fundiária Urbana: como aplicar a Lei Federal nº 11.977/2009**. Brasília: Ministério das Cidades, Secretária Nacional de Habitação e Secretária Nacional de Programas Urbanos, 2010

BARBOSA, Jorge Luiz. **A favela na política cultural do Rio de Janeiro**. Projeto Solos Culturais, p. 107 – 119, 2013. Disponível em: < http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2017/06/IC-POLCULTURAIIS_vol3_ONLINE_AF-2-107-119.pdf >. Acesso em: 08 de junho de 2018.

CAMILO, Fabíola Nascimento. **As práticas de lazer em uma favela carioca: da essencialização ao compartilhamento de práticas sociais sob a perspectiva da distinção social e espacial entre jovens na cidade**. Disponível em: < http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308366036_ARQUIVO_TextonaintegraraConlab.pdf >. Acesso em: 24 maio 2015.

CASÉ, Paulo. **Favela: uma exegese a partir da mangueira**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

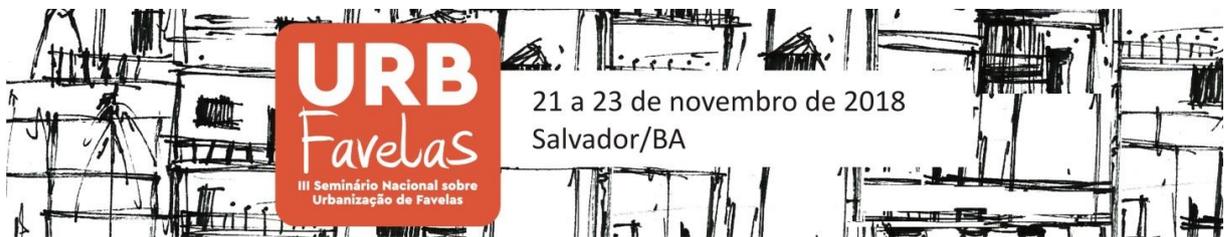
CARDOSO, Adauto Lucio. Urbanização de favelas no Brasil: revendo a experiência e pesando os desafios. In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2007, Pará. **Anais...** Rio de Janeiro: IPPR/UFRJ, 2007. p. 2-22.

CARVALHO, Manuella Mota Santos de. **Espaços Públicos como o Locus do Lazer: Uma proposta de Projeto Urbanístico e Paisagístico para o Bairro Jatiúca, Maceió/AL**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008.

COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

DIXON, Caitlin. **"Excelentes Lugares Bons": a natureza do espaço público nas favelas**. Tradução Alexandra Leister. Disponível em: < <http://rioonwatch.org.br/?p=11195> >. Acesso 22 fev. 2015.

[Digite texto]



KEHL, Luis Augusto Bicalho. **Breve história das favelas**. São Paulo: Claridade, 2010. 112p.: il. - (Saber de tudo).

LAURENTINO, Fernando de Pádua. **Espaço Público: espaço de conflito**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume33/pesquisa_03.pdf>. Acesso em: 24 maio 2015.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole, legislação e desigualdade**. Estudos avançados, v.17, n.48, p. 151-166, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9928>>. Acesso em: 28 set. 2015.

MEIRELLES, Renato. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre favela do brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

PERES, Fabio de Faria. **"Lazer, Juventude e Sociabilidade em um conjunto de favelas cariocas"**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009.

RODRIGUES, Fernanda da Silva Figueira. **Pensando o grafite como atrativo turístico: o olhar do grafiteiro e o caso do Circuito Casas-Tela em Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (RJ)**. Itinerarium (Rio de Janeiro. 2008), v. 1, p. 55-85, 2013.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 3.^a ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16^o ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

HONORATO, Geraldo. **Grafite: da marginalização às galerias de arte**. Programa de Desenvolvimento Educacional. Faculdade de Artes do Paraná, 2000/2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1390-8.pdf>>. Acesso em: 08 junho 2018.

YURGEL, Marlene. **Urbanismo e Lazer**. São Paulo: Nobel, 1983. 72p.